

# Afeganistão — um mono

*Tht's all folks — é tudo, malta. Não há mais pipocas*

Uma das definições de mono é a de “mercadoria sem venda no comércio”, de “qualquer coisa que deixou de interessar”. Desde o 11 de Setembro de 2001, o Afeganistão foi um falso alvo, uma fancaria. Um tigre de papel, na linguagem maoista dos anos 60 e 70. Transformou-se definitivamente num mono para os Estados Unidos com o anúncio da captura e morte no Paquistão, de Bin Laden, o saudita chefe da Alqaeda, em 2011, com direito a filme de rambos.

A Alqaeda e Bin Laden foram o produto desenvolvido a partir de um dos muitos bandos da região e de fanáticos locais, inchado, armado e subcontratado pela administração Reagan para fazer a guerrilha contra a URSS, que ocupava o Afeganistão para evitar a islamização das repúblicas soviéticas do sul. A teoria de que a URSS pretendia avançar para as “águas quentes” do Índico foi uma narrativa para vender armas e justificar ações, que muitos “estrategistas”, incluindo militares, pregaram sem correspondência com qualquer racionalidade. Na realidade, a administração Reagan pretendeu apenas negar a um inimigo (a URSS) a posse de um território que lhe era relativamente importante. Um objetivo clássico nas manobras militares. A administração dos EUA conseguiu a vitória de Pirro: a URSS abandonou o Afeganistão e os EUA “ganharam” a Alqaeda bem treinada e equipada, com um louco como chefe carismático e um imbróglio com os aliados sauditas, os maiores compradores da quinquilharia produzida pelo complexo militar americano e comparsas de Israel na desestabilização do Médio Oriente.

Neste escuro e pantanoso cenário, o Afeganistão passou a ser o saco de pancada de todos os males do Ocidente, o *punching ball*. Não servia para nada, a não ser para mostrar o poderio dos EUA, de campo de lançamento de bombas, algumas experimentais, de bode expiatório para atos do terrorismo islâmico, cujos verdadeiros autores nunca foram identificados. Mesmo considerando que estes atos poderiam ter servido de justificação aos governantes americanos para, através deles, imporem aos europeus determinadas cumplicidades políticas e impedirem determinadas alianças, caso das aproximações à Rússia, o Afeganistão esgotara-se como produto com alguma utilidade estratégica... De repente até o terrorismo islâmico na Europa se esvaiu como por milagre!

Durante a administração do idiota Bush, Bush Jr, o Afeganistão serviu para Donald Rumsfeld, ministro da defesa americano, amigo de Paulo Portas, o atual virologista da Televisão, e Dick Cheney, o vice-presidente, dois traficantes de armas e empresários de empresas militares privadas, desviarem as atenções das responsabilidades da Arábia Saudita no terrorismo e fazerem fortuna. Obama manteve em velocidade de cruzeiro o negócio do complexo militar industrial, até o secar quando entendeu conveniente, com o anúncio da captura de Bin Laden. O espetáculo montado à volta da eliminação de Bin Laden constituiu a cena preparatória do final do espetáculo americano no Afeganistão. Da hora de emalar a trouxa.

Os talibans estavam reduzidos a grupos de traficantes de heroína e de contrabandistas, sem valor militar, e apesar das barbas e das fatiotas medievais, já não serviam para apresentar aos americanos pagantes de impostos como justificativo para as exorbitantes despesas (impostos), nem para mobilizar uns soldaditos que perderiam vidas e membros. Acabara o enredo de filme épico do Afeganistão, quer como bandeira patriótica que justificaria aos simplórios americanos votar num atrasado mental porque é um presidente em guerra, quer como mercado de armas de empresas

militares privadas. A administração Trump percebeu o fim do ciclo de negócio e do embuste e anunciou a retirada das tropas e empresas americanas. Biden encerrou as portas do estanco sem contemplações. *That's all folks*, isso é tudo, malta, como diz o Bugs Bunny nos filmes da Walt Disney. Acabaram as pipocas.

Os EUA já haviam perdido as posições que lhe garantiam o domínio do Médio Oriente: perderam na Síria, perderam no Irão, o Iraque era e é um ninho de vespas da qual não sabem como se libertar, a Turquia joga com um pau de dois bicos com a Rússia. O Afeganistão já não tem, pois, qualquer utilidade no jogo de forças que se trava no Médio Oriente e na Ásia Central. Para os Estados Unidos o Afeganistão passou a ser um mono que podia, pode e deve ser abandonado à sua sorte a bem do negócio: os EUA têm de concentrar forças no seu quintal da América Latina e no Pacífico. O Afeganistão não tem qualquer serventia para nenhum dos atores mundiais, nem para a China, nem para Rússia. Há 38 milhões de afegãos? São danos colaterais. Também havia uns milhões de vietnamitas do Sul... Lamentamos. Levamo-los a todos para a América nos nossos corações e lembrar-vos-emos nas nossas orações. Os talibans prometeram-nos ser simpáticos, respeitadores e tolerantes. Alá é grande e misericordioso.

O Iraque será o próximo mono a ser despachado. O petróleo vale cada vez menos como produto estratégico, até está mal visto pelos ambientalistas que são cada vez mais. O Médio Oriente é para desinvestir, para fechar as cortinas, ou passar para segundo plano. O novo palco de disputa mundial será o Pacífico, o Mar da China.

Eu, se fosse dirigente da Arábia Saudita, punha as barbas de molho. Os pró-americanos da Ucrânia também deviam pensar na vida, assim como os das repúblicas bálticas, os polacos e húngaros que se têm disponibilizado tão servilmente para servir de bases temporárias aos

espetáculos de circo e feras de Washington. É que bem podem ser os próximos monos a ficar sem pipocas e sem Coca Cola.

*Carlos Matos Gomes*

<https://cmatosgomes46.medium.com/afeganist%C3%A3o-um-mono-84d43c9efb87>